

## **BÚFALO**

*\* Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva*

No ano de 2022, a bubalinocultura contribuiu com R\$ 39,7 milhões para o Valor Bruto da Produção (VBP) paranaense, sendo que R\$ 31,5 milhões provieram da comercialização de bubalinos de corte e R\$ 8,2 milhões do leite de búfala. Apesar das dificuldades enfrentadas nas últimas décadas, como a redução da área disponível para a produção em regiões-chave do estado, o rebanho paranaense tem mantido uma relativa estabilidade nos últimos anos, oscilando entre 32 mil e 35 mil cabeças no período de 2018 a 2022. Esse número representa apenas uma pequena fração do rebanho brasileiro, que totaliza aproximadamente 1,5 milhão de cabeças.

A bubalinocultura não apresenta apenas desafios, mas também vantagens em relação à bovinocultura. A carne, por exemplo, geralmente é adquirida pelos abatedouros a preços equivalentes aos da carne bovina. Além disso, o manejo mais frequente dos animais é necessário para evitar o asselvajamento. Por outro lado, a rusticidade inerente a esses animais permite que os produtores usem menos meios profiláticos para reduzir a incidência de doenças, o que diminui os custos com medicamentos.

O município de Cerro Azul, localizado na região de Curitiba, destaca-se como o principal produtor estadual de leite de búfala, concentrando mais de 29% da produção paranaense. Já Adrianópolis sobressai-se como o principal produtor de bubalinos de corte na região. A carne de búfalo apresenta diferenças significativas em relação à carne bovina, sendo mais magra e com maior teor de proteína. Quanto ao leite de búfala, é principalmente utilizado na produção de mozzarella, um queijo originário da região da Campânia, no sul da Itália. Este queijo é produzido exclusivamente com leite de búfala cru, moldado em forma de esferas, e é amplamente utilizado na culinária italiana.

## **FRANGO**

*\* Méd. Veterinário Roberto de Andrade Silva*

Segundo o Agrostat Brasil / MAPA, considerando os dez meses de 2023, as exportações brasileiras de carne de frango cresceram 2% em faturamento, atingindo um montante de US\$ 8,152 bilhões, em relação ao valor acumulado de 2022 (US\$ 7,994 bilhões). Já em termos de quantidade exportada houve um crescimento de 6,8% (2023: 4.187.277 toneladas e 2022: 3.920.004 toneladas).

**Boletim Semanal 46/2023 – 23 de novembro de 2023**

No período analisado, o país exportou 97,7% de carne de frango na forma “in natura” - inteiros e cortes e apenas 2,3%, na forma de industrializados (96.938 toneladas). Observou-se um crescimento de 7% no volume de carne de frango “in natura” exportada: 2023 (4.090.339 toneladas) e 2022 (3.821.973 toneladas). Do lado do faturamento do produto “in natura”, houve uma alta de 2% nos dez meses do ano em curso (2023: US\$ 7,832 bilhões e 2022: US\$ 7,677 bilhões). O maior faturamento foi resultado de mais volume exportado (+6,8%), porém com queda aproximada de 4,7% no preço médio da carne de frango “in natura” exportada (2023: US\$ 1.914,77/t e 2022: US\$ 2.008,67/t).

Os principais destinos da carne de frango brasileira em 2023 (jan. a out.) têm sido (volume / faturamento): 1º - China (592.387 toneladas e US\$ 1,409 bilhão), 2º - Emirados Árabes Unidos (364.158 toneladas e US\$ 742.926 milhões), 3º - Japão (344.849 toneladas e US\$ 784,964 milhões), 4º - Arábia Saudita (305.404 toneladas e US\$ 699,781 milhões), e 5º - África do Sul (285.929 toneladas e US\$ 168,331 milhões). O desempenho dos principais países importadores foram (toneladas): China (+30,8%); África do Sul

(+ 25,4%); Japão (- 2,5%); Arábia Saudita (+ 5,2%); e Emirados Árabes (- 3,2%).

No Paraná, ocorreu um crescimento no volume exportado total (+9%), porém um refluxo no faturamento (- 1,2%). Os números dos dez meses de 2023 foram: 2023 (volume: 1.764.286 toneladas / faturamento: US\$ 3,204 bilhões) e 2022 (volume: 1.618.039 toneladas / faturamento: US\$ 3,241 bilhões). Para a carne de frango “in natura” paranaense, observa-se um recuo no preço médio exportado, da ordem de 9,3% (2023: US\$ 1.786,83/tonelada e 2022: US\$ 1.970,40/tonelada).

**FEIJÃO**

*Maria Clara Biazoto, sob supervisão do*

*Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho*

O plantio do feijão acelerou comparado às semanas anteriores, evoluindo de 90% para 97% da área total. As condições de tempo melhoraram, permitindo também o avanço dos tratamentos culturais, especialmente os controles fitossanitários. Porém, dada a grande umidade ainda presente, as condições das lavouras pioraram. As áreas consideradas ruins passaram de 4 para 8%, as em condições médias passaram de 29 para

**Boletim Semanal 46/2023 – 23 de novembro de 2023**

33%, sobrando 59% de lavouras boas, ante 67% na semana anterior.

A colheita já está sendo realizada nos núcleos de Campo Mourão e Jacarezinho. Até o momento 1% da área implantada foi colhida. Nestas regiões os problemas com excesso de chuva foram menos expressivos, com os danos às lavouras sendo mais relevantes na região Sul, onde os índices de precipitação foram bastante acima da média.

Houve um aumento na média do preço do feijão comparativamente à semana anterior. Nesta quarta-feira (22) a saca de 60kg do feijão carioca chegou a R\$288,46, ante R\$215,22 na quinta-feira anterior, uma variação de 34%. O feijão preto teve uma variação de apenas 4%, com a saca de 60kg passando de R\$283,97 para R\$296,23. Com isso, os preços dos dois tipos se aproximaram, ainda que historicamente os preços do feijão carioca sejam superiores aos do feijão preto.

## GRÃOS

*Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho*

Chegou praticamente ao fim a colheita da safra inverno paranaense, com a cevada totalmente colhida e apenas

pequenas áreas de trigo ainda a campo. Os números de produção serão conhecidos na semana que vem (dia 30), dimensionando a frustração dos produtores, que com o clima atípico (inverno com temperaturas acima da média e outubro extremamente chuvoso) devem contabilizar prejuízos pela retração dos preços, pela redução de produtividade e pela má qualidade do produto obtido em algumas regiões.

Com a liberação das áreas recém colhidas, a atenção dos produtores se volta totalmente para a safra de verão, especialmente para soja. A presença do fenômeno El Niño, que trazia esperança de uma safra com condições ótimas, já é motivo de desconfiança. As chuvas excessivas deixaram o solo encharcado, a ponto de impossibilitar a entrada a campo do maquinário. Assim, mesmo em dias sem precipitações, alguns produtores não têm conseguido fazer os tratos culturais iniciais a contento, e nem mesmo finalizar o plantio. Apesar disso, o percentual de área plantada de soja no estado chegou a 93% e está muito próximo da média dos últimos cinco anos (94%). Além dos desafios enfrentados para entrada de maquinário a campo, o grande número de dias nublados até o momento também tem sido preocupante, dificultando que as plantas se desenvolvam

**Boletim Semanal 46/2023 – 23 de novembro de 2023**

bem e atinjam seu potencial produtivo. As condições das lavouras foram levemente rebaixadas nesta semana, com as lavouras boas correspondendo a 87% da área (ante 88% na semana anterior), as lavouras médias a 11% (10% antes) e as ruins mantidas em 2%. Cabe ressaltar que a região Norte do estado vem mostrando ótimas condições até o momento, diferentemente das demais.

A situação do milho não é muito diferente. Com 98% da área semeada, as condições das lavouras também foram reavaliadas para baixo: boas de 81 para 79%, médias de 16 para 17% e ruins de 3 para 4%. As condições ainda piores que as da soja se explicam pela concentração da cultura no Sul do Paraná, onde choveu mais.

## MEL

*\* Méd. Veterinário Roberto de Andrade Silva*

De acordo com dados da Agrostat Brasil, entre janeiro e outubro de 2023, as exportações nacionais de mel "in natura" registraram uma queda de 27,4% em volume em comparação ao mesmo período de 2022, passando de 32.346 para 23.471 toneladas.

Em termos de faturamento, houve uma redução de 40,3%, totalizando US\$ 72,053 milhões em 2023, em contraste com US\$ 120,765 milhões no ano anterior.

O preço médio do mel no mercado nacional atingiu US\$ 3.069,89 por tonelada (US\$ 3,07 por quilo), representando uma redução de 17,8% em relação ao mesmo período de 2022, quando o valor médio era de US\$ 3.733,54 por tonelada (US\$ 3,73 por quilo).

Durante os dez meses de 2023, o estado do Paraná ocupou a quarta posição no ranking de exportações de mel natural, registrando uma receita cambial de US\$ 5,535 milhões, volume de 2.006 toneladas e preço médio de US\$ 2,76 por quilo. No ano anterior, no mesmo período, foram exportadas 4.438 toneladas, com receita de US\$ 16,692 milhões e preço médio de US\$ 3,76 por quilo.

O estado do Piauí liderou as exportações de mel, atingindo uma receita de US\$ 28,456 milhões com 9.060 toneladas a um preço médio de US\$ 3,14 por quilo. No período equivalente ao ano anterior, o estado exportou 10.262 toneladas, faturando US\$ 38,211 milhões a um preço médio de US\$ 3,76 por quilo. Minas Gerais ficou em segundo lugar, gerando uma receita de US\$ 12,045 milhões com 3.974 toneladas a um preço médio de US\$ 3,03 por quilo. No mesmo período de 2022, foram exportadas 4.588 toneladas,

**Boletim Semanal 46/2023 – 23 de novembro de 2023**

com receita de US\$ 17,245 milhões e preço médio de US\$ 3,76 por quilo.

Os Estados Unidos da América (EUA) continuaram sendo o principal destino para o mel brasileiro durante o período de janeiro a outubro de 2023, absorvendo 79,3% do volume total exportado, com 18.616 toneladas, receita de US\$ 56,493 milhões e preço médio de US\$ 3,03 por quilo. No ano anterior, no mesmo período, foram exportadas 24.421 toneladas, gerando um faturamento de US\$ 91,062 milhões a um preço médio de US\$ 3,72 por quilo. Além dos EUA, outros países importantes na importação do mel brasileiro incluem Alemanha (US\$ 5,459 milhões e 1.705 toneladas), Canadá (US\$ 4,377 milhões e 1.372 toneladas), Reino Unido (US\$ 1,582 milhões e 522 toneladas) e Bélgica (US\$ 1.693 milhões e 511 toneladas).